

Iniciação à docência: narrativas de professoras

Maria Nahir Batista Ferreira Torresⁱ 

Secretaria da Educação do Estado do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

O ensino de História é essencial na formação do profissional de Enfermagem e das raízes históricas, considerando o entendimento da inserção dessa profissão na sociedade. Por meio deste estudo, buscou-se analisar os caminhos que levaram o profissional de enfermagem a adentrar à docência no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará – UECE, na sua origem, na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP. A tessitura metodológica investigativa foi expressa na abordagem qualitativa, recorrendo à utilização do método de pesquisa histórica, compreendido pelas etapas de coleta, organização, problematização e avaliação crítica dos dados. No estudo depreendeu-se das fontes orais, por meio das entrevistas realizadas no estudo em que cinco professoras de História da Enfermagem que ministraram/ministram a disciplina no curso trouxeram suas colaborações para concretizar a investigação. Constatou-se que os caminhos para iniciação à docência foram diversos e na busca não linear da formação tornaram-se professoras de História.

Palavras-chave: Iniciação à Docência. Ensino de História da Enfermagem. História Oral.

Initiation to teaching: narratives of teachers

Abstract

The teaching of history is essential in the formation of the nursing professional and the historical roots, considering the understanding of the insertion of this profession in society. Through this study, we sought to analyze the paths that led the nursing professional to enter the teaching profession in the Nursing Course of the State University of Ceará - UECE, in its origin, in the São Vicente de Paulo School of Nursing - EESVP. The investigative methodological weaving was expressed in the qualitative approach, resorting to the use of the historical research method, comprised of the stages of data collection, organization, problematization, and critical evaluation. In the study, it was deduced from the oral sources, by means of the interviews carried out in the study in which five professors of History of Nursing who taught the subject in the course brought their contributions to concretize the investigation. It was found that the paths for initiation into teaching were diverse and in the non-linear search for training they became History teachers.

Keywords: Initiation to Teaching. Teaching Nursing History. Oral history.

1 Introdução

Este trabalho teve como base para sua elaboração, pesquisa desenvolvida

sobre o ensino de História na formação do profissional de Enfermagem, considerando que a compreensão das raízes históricas, requer análises acerca da sua inserção no currículo no curso de formação inicial acadêmica¹.

Investigar sobre o ensino de História é relevante e permite a constituição de novos conhecimentos, inclusive sobre o percurso formativo dos professores que o ministram, considerando que o historiador não vagueia ao acaso pelo passado como um viajante em busca de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar (FEBVRE, 1989).

O interesse da Enfermagem pelos aspectos históricos da profissão constitui um campo de estudo que desperta para a investigação cada vez mais o interesse crescente sobre como e onde essa história se encontra e é ensinada nos cursos de graduação.

Assim, este trabalho objetiva analisar os caminhos que levaram o profissional de enfermagem a adentrar à docência no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará – UECE, na sua origem, na Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP.

Auscultar a narrativa das professoras sobre como adentraram a docência no Curso de Enfermagem é um recorte da trajetória do curso na EESVP/UECE e nos instiga a reflexão sobre os caminhos trilhados e as escolhas realizadas para tornarem-se professoras. Nessa perspectiva, a história oral deu voz aos sujeitos.

Na organização do texto apresentamos inicialmente a introdução apontando em linhas gerais os objetivos da pesquisa, na sequência caracterizamos a metodologia aplicada, os resultados e discussões, finalizando com as considerações de fecho e as referências.

2 Metodologia

O presente trabalho teve como baliza fundamental a história oral. Na acepção de Meihy e Holanda (2015, p.17), a história oral “[...] é um recurso moderno

¹ Este artigo foi elaborado a partir do trabalho de tese intitulado: O ensino de História da Enfermagem: trajetórias e lugar na formação do enfermeiro defendida pela Universidade Estadual do Ceará, no Programa de Pós-Graduação em Educação no ano 2019.

usado na elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos”.

3 Importa lembrar que “[...] não cabe chamar entrevistas comuns de história oral, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em outras chaves explicativas”. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.13). Ou seja, a entrevista é o principal instrumento da história oral, mas nem toda entrevista é história oral. Como informa Albuquerque Júnior (2007, p.230) “[...] o oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”.

Também Alberti (2005, p.30), nesse sentido, complementa e esclarece, ao assinalar que, “[...] se o emprego da história oral significa voltar à atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido”. Em outras palavras, isso quer dizer que o uso da história oral não exclui o emprego de documentos escritos e sua articulação pelo pesquisador para inferir análises mais pertinentes. Vale ressaltar a afirmação que nos faz Portelli (2016, p, 21), ao mencionar que “[...] o mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas”

Por meio da história oral, cinco mulheres professoras-enfermeiras, cognominadas no texto com nomes de deusas gregas, tiveram voz para fazer emergir as vivências e as concepções, ecoando as experiências do passado-presente referentes ao início da docência em História da enfermagem na graduação.

As idades variam de 70 a 94 e as divindades que representam as professoras da pesquisa são figuras mitológicas da Grécia antiga, período em que os pilares da vida em sociedade eram baseados na mitologia e nas parábolas helênicas. Essas figuras representam arquétipos que auxiliavam as mulheres a conhecerem suas características.

Em nosso estudo, definimos como sujeitos colaboradores da pesquisa

professores de Enfermagem do curso investigado provenientes do tempo da EESVP e/ou da UECE. Os critérios de qualificação dos colaboradores foram: 1). Ter ministrado e/ou ministrar a disciplina História da Enfermagem. 2). Aceitar fazer parte do estudo, confirmando sua concordância mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE (APÊNDICE A – TCLE).

Referente aos aspectos éticos, e também legais, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Estadual do Ceará, por meio da Plataforma Brasil, respeitando a Resolução 510/2016, instituída pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, cujo número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE informado pelo CEP foi 63057816.6.0000.5534.

4

3 Resultados e Discussões

As colaboradoras rememoraram os caminhos que conduziram à docência, buscaram a memória, que “[...] é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p. 111).

Hoje eu não saio mais de casa, é aqui sentada. Mas me lembro de tudo, a cabeça é boa apesar da idade, 93 anos. Eu me recordo de tudo [...]. Eu estudei no Colégio Imaculada Conceição, colégio das irmãs, agradeço a Dom Antônio Lustosa de Almeida, que foi o nosso grande protetor, protetor dos pobres! Outro dia andou uma pessoa aqui em casa, mora aqui perto, e também foi protegida de Dom. Antonio. Eu nem saiba! Eu lembro que passei no Exame de Admissão para o liceu, mas Dom Antonio queria que eu fosse professora e me chamou para continuar no Colégio Imaculada Conceição, mas a minha irmã falou para ele que como não pagava no liceu e não precisava de transporte, porque era perto de casa, ele concordou e disse que se precisasse procurasse que ele ajudava. E eu fui sempre ser professora. Iniciei como professora em uma das escolas de Dom Antonio trabalhei na Escola Santa Clara, na Escola São Sebastião e ensinava a noite as domésticas. Eu fui professora de Fundamentos da Enfermagem e de História da Enfermagem primeiro no Curso de Auxiliar de Enfermagem e depois no Curso de Enfermagem que eram conduzidos pelas irmãs na EESVP. As primeiras

aulas do Curso de Enfermagem foram no patronato, nem tinha ainda, o prédio da EESVP, tudo acontecia no patronato (ÁRTEMIS).

Ártemis, sempre apoiada pelo arcebispo Dom Antonio de Almeida Lustosa, teve acesso ao trabalho, à formação e iniciação à docência. Atuou no Curso Auxiliar de Enfermagem e na graduação e tornou-se professora de História da Enfermagem. Ressalta que se lembra de tudo, ao traçar o caminho que fez para chegar a docência, não deixou de reconhecer o apoio daquele que foi seu protetor. Já Héstia nos revela um caminho não linear de ingresso na docência, mas que a marcou intensamente.

5

Não por acaso cheguei à docência, iniciei a minha formação em Enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo em Fortaleza-Ceará e conclui na Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto, que era meu sonho de consumo. Logo ao concluir o Curso de Graduação surge um concurso para o Hospital das Clínicas em Ribeirão Preto, fui aprovada em quarto lugar. Fiquei trabalhando em Ribeirão Preto na assistência, certo dia fui fazer a minha inscrição no Conselho de Enfermagem em São Paulo, até então não havia conselho, o Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo COREN-SP estava sendo estruturado. Eu acordei pela manhã, fui tomar café, quando meu irmão de Ribeirão Preto, gerente no Aeroporto de Ribeirão sugeriu que era fácil conseguir uma carona de avião para São Paulo. Surgiu a carona e eu fui para São Paulo, próximo de Campinas o piloto recebeu a mensagem que o aeroporto em São Paulo estava fechado para pouso e decolagem, que era muito comum, devido o mal tempo em São Paulo. Aterrissamos em Campinas. Avisei ao piloto que ia ficar em Campinas, e fui para casa de uma colega de turma em Ribeirão Preto e uma amiga enfermeira de Fortaleza [risos]. Em Campinas em conversa, no Hospital, onde as colegas trabalhavam, recebi um convite para reestruturar o centro cirúrgico, do referido hospital para iniciar Cirurgia Cardíaca em Campinas. Achei a idéia fantástica e tomei a decisão de pedir demissão de Ribeirão Preto e ir trabalhar em Campinas. Decisão muito difícil... [chora]. Fui estruturar esse centro cirúrgico, que era um centro cirúrgico comum a Santa Casa de Campinas e ao hospital universitário da UNICAMP. Posteriormente, surgiu um concurso para UNICAMP fui aprovada, passei a trabalhar na UNICAMP e em seguida, entrei na docência, ajudei a estruturar o Curso de Enfermagem da UNICAMP, na época todos docentes eram assistenciais, ou seja, ocorria a integração docente-assistencial. Todos os professores deveriam ser docentes e assistenciais. Você tinha

que saber o que ensinava. O docente ministrava a aula teórica e durante o estágio levava o aluno para a clínica ou setor de sua experiência clínica. A minha especialização em Ribeirão Preto tinha sido em Enfermagem médica-cirúrgica. Trabalhei em centro cirúrgico e em clínica cirúrgica. Eu fui professora da primeira turma de Enfermagem da UNICAMP. Assim, comecei na docência não por acaso, mas por causa do avião que me fez pousar pela primeira vez em Campinas (HÉSTIA).

6 Héstia vivenciou a docência e a assistência, uma busca pela profissionalização no contexto em que estava inserida, sendo exigido que a docência e a assistência andassem juntas. As palavras de Héstia são embaladas pelo riso e pelo choro. Pelo riso, pelo fato de lembrar a sua aventura do pouso do avião que não aconteceu e que por essa razão, não chegou ao seu destino traçado ao sair de casa e pelo choro por fazer revisitar a sua dor de precisar tomar uma decisão que envolvia mudar de cidade e de trabalho. Cada colaboradora possui um jeito único de narrar e de iniciação na docência. Vejamos o que relata Hera:

Iniciar a docência foi fácil. Simples. Quando eu cheguei do Rio de Janeiro, eu trouxe uma encomenda da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e fui entregar na Escola de Enfermagem São Vicente de Paula, à diretora. Nesse dia a escola estava precisando de uma professora para o curso de auxiliar de enfermagem e a diretora perguntou se eu não gostaria ficar na vaga que estava precisando ser preenchida urgentemente. Era um fim de semana e no início da semana eu já comecei como professora no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Eu estava chegando de vez na docência.

Hera, ao retornar dos seus estudos no Rio de Janeiro, adentra à docência na escola onde se formou. Podemos perceber sua identificação com a docência. Para ela, não houve dúvida quanto a aceitar o convite, e a sua permanência foi uma consequência.

Já Atena, ao revisitar os caminhos que trilhou para se fazer professora-enfermeira revela que sempre quis ser docente.

Sempre quis ser professora em casa, botava até tijolo, uma telha, garrancho para ser meu aluno [...]. Quando eu fiz vestibular para enfermagem eu já tinha feito o Curso Normal e já ensinava educação de adultos. Quando eu estava no último ano enfermagem a direção da escola criou um programa de

monitoria, foi feita uma seleção e podia participar quem estava cursando último ano. Eu fiz a seleção para monitoria, e a partir daí começou minha preparação para o ensino da Enfermagem, porque eu acompanhava uma professora nas aulas em sala e também no estágio. Às vezes era um quebra-cabeça danado, porque muitas vezes o meu estágio era no mesmo horário dos alunos que eu tinha que acompanhar. Então, eu tinha que driblar a enfermeira da unidade em que eu estava. As pedia para o colega que estava na mesma unidade que tinha aluno para observar os meus alunos. Foram oito colegas aprovadas nessa monitoria, quando nós nos formamos, a escola que era ainda a São Vicente de Paulo, agregada a Universidade Federal do Ceará, abriu um processo seletivo para professor.

Atena iniciou a docência antes do cursar Enfermagem, porém, suas experiências nesse mister estão imbricadas na formação em Enfermagem. Vejamos o que ela revela:

Naquela época a EESVP não tinha dinheiro, viviam de subsídio do Governo Federal, doações, eventos e de taxas que as alunas pagavam como se fossem uma mensalidade, mas essa taxa era muito baixa, era simbólica. Quem foi aprovado entrou como professor assistente da professora que era titular da disciplina, só que a professora que eu fui ser assistente passou na seleção do mestrado na Escola Ana Nery da UFRJ e eu tive que assumir a disciplina. Era uma disciplina que não era nem de cuidados de enfermagem, era de administração de serviço em enfermagem. Foi muito bacana e desafiador porque eu tinha feito a seleção para área de Enfermagem Cirúrgica, porque a minha paixão sempre foi cirurgia, e eu tinha passado para ensinar, para acompanhar a professora da área de Enfermagem Cirúrgica que era uma irmã, que faleceu há poucos dias. Mas com a professora da área de administração saiu para fazer o Mestrado, a diretora chamou e disse: Você vai ensinar Administração. Eu disse: Mas eu fiz para Enfermagem Cirúrgica. Mas eu vou botar você para ensinar Administração. E assim aconteceu a minha entrada no ensino de graduação da enfermagem, em 1974 iniciava a docência no Curso de Graduação em Enfermagem. Eu devo ser a professora do Curso de Enfermagem mais velha, mais antiga da UECE e viciada em sala de aula, mesmo em função de gestão eu não consigo largar a sala de aula, desde que me formei pela EESVP que hoje é o curso da UECE, que ingressei como professora e nunca mais pare (ATENA).

Atena demonstrou o desejo de ser professora desde criança. Depois fez o

Curso Normal e trabalhou com educação de adultos. Já no curso de Enfermagem viveu a experiência da monitoria, participou de uma seleção e assumiu uma disciplina na graduação de Enfermagem. A narrativa de Atena revela que o seu encontro com a docência aconteceu antes do ingresso na Enfermagem e suas palavras dão ideia de um envolvimento e dedicação com a docência. Deméter, em sua narrativa, iniciou a docência no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Vejamos o que ela diz:

8

Antes de ingressar o curso de enfermagem eu já tinha feito o curso de Técnico em Contabilidade. No curso de Enfermagem não era difícil arrumar emprego, as melhores alunas às vezes conseguiam durante o estágio. Quando eu estava no segundo ano de Enfermagem na EESVP surgiu a oportunidade de ser professora no Curso de Auxiliar de Enfermagem. Então eu comecei a docência no Auxiliar e depois de 303 formada fui trabalhar na graduação. E assim comecei minha carreira profissional. Eu fiz licenciatura e em 1961 eu fui fazer pós-graduação em Saúde Pública, voltei em 1962 e 1963 entrei na Universidade Federal do Ceará, antes eu trabalhava na EESVP como voluntária. A Irmã Leonie pediu para eu ficar dando expediente na escola como colaboradora, eu fiquei afastada da UFC (Universidade Federal do Ceará) dando aula na EESVP. Foi assim que eu comecei a ser professora.

O relato de Deméter demonstra sua relação de afeto com as irmãs e a escola, cabendo a colaboração, bem como um percurso na docência antes mesmo de terminar a graduação. Estes são caminhos trilhados e a constituíram professora-enfermeira. Em razão do que nos revelaram as colaboradoras, compreendemos que

Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo (PERAZZO, 2015, p. 123).

Assim, o sujeito é trazido à cena. Valorizamos sua concepção de mundo e suas subjetividades. Ocorre uma ligação com o cotidiano, a memória e as várias práticas sociais. E na “arte da escuta” pesquisador e narrador precisam construir

pontes. Nem sempre é fácil, mas, sem essas pontes, não se chega a cada memória que os narradores carregam e, muitas vezes, durante a realização das entrevistas, foi preciso parar “de escutar o que eu podia extrair da narrativa e começava a ouvir a pessoa toda” (ERRANTE, 2000). Também foi nesses momentos que as narradoras revelaram sua humanidade. Assim, as cinco narradoras continuaram na docência e constituíram vivências como professoras de História da Enfermagem.

4 Considerações finais

Refletir sobre a problemática do ensino da História da Enfermagem na graduação inclui indagar qual a concepção de história e como esta é trabalhada, mas sobretudo, analisar os caminhos que levaram o profissional de enfermagem a adentrar à docência, este foi o objetivo que delineou o estudo.

No caminho teórico metodológico entraram em cena cinco colaboradoras, denominadas de deusas gregas - Ártemis, Héstia, Hera, Atena e Deméter - que nos concederam voz para narrar as vivências, concepções e experiências que levaram-nas a escolha da docência.

A investigação cumpriu adequadamente seu propósito e verificou, por meio da história oral as ações que balizaram as escolhas das professoras enfermeiras de adentrarem à docência.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. **Edusc**, Edusc, 2007.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal a memória é de quem? Histórias Orais e modos de lembrar e contar. História da Educação. **ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas v. 8, p.141-174, set. 2000.

FEBVRE, Lucien. De 1892 a 1933: exame de consciência de uma história e de um historiador. In: FEBVRE, Lucien. **Combate pela história**. 2. ed. Lisboa: Presença. 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 1, p.314-332, dez.2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral Como Fazer Como Pensar**. 2. ed. Contexto: São Paulo. 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ⁱ **Maria Nahir Batista Ferreira Torres**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2717-4794>

Três instâncias institucionais: Governo do Estado do Ceará; Secretaria Estadual de Educação; Coordenadoria da Educação de Tempo Integral.

Doutora em Educação (UECE); Mestre em Educação (UECE); Graduada em História (UFPB); Licenciada em Pedagogia (Uninter). Professora da Rede Estadual do Ceará. Professora Formadora da UECE/UAB.

Contribuição de autoria: Realização da pesquisa e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1622998059250374>

E-mail: nahirbtorres@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira. Iniciação à docência: narrativas de professoras. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.